Resenha:

Pepetela, *Contos de morte*

Donizeth Santos¹

O livro *Contos de morte*, lançado apenas em Portugal em 2008 pelas Edições Nelson de Matos, traz uma faceta do escritor angolano que, embora seja a mais antiga, é ainda desconhecida por grande parte de seus leitores, pois é sabido que Pepetela começou sua carreira literária como contista no início da década de 60, publicando alguns contos na *Revista Mensagem* e na antologia *Novos contos d'África*, mas são poucos os leitores que conhecem essas primeiras produções e o lado contista do romancista já consagrado pelo público e pela crítica literária de língua portuguesa.

O livro com 98 páginas traz “cinco histórias dispersas”, conforme já vem informado na capa, escritas em momentos, circunstâncias e finalidades diferentes, mas que guardam um elemento de ligação entre elas: a temática da morte, presente em todas elas, como o próprio já título já anuncia, e também o modo de ver o mundo, porque “embora o autor tenha forçosamente mudado” (p.16), segundo ele mesmo diz na introdução, a essência, entretanto, permanece.

No primeiro conto, “A revelação”, escrito em 1962 em Lisboa e curiosamente publicado numa edição brasileira um ano depois (*Poetas e contistas africanos*. São Paulo: Brasiliense, 1963), o protagonista é o garoto Mandimba, uma figura que lembra muito o Ngunga do romance de mesmo nome, escrito e publicado posteriormente.

Mandimba é um menino negro que a pedido da mãe sai para comprar sal na loja do Sô Ferreira. Ao chegar lá, depara-se com um diálogo revelador entre o comerciante português e Mariana, uma mulher negra recém-casada que havia cedido favores sexuais a ele. O garoto ouve toda a conversa e toma conhecimento do desespero dela, que implora a Sô Ferreira para que cumpra as suas promessas de assumi-la, pois do contrário ela estaria perdida quando a criança nascesse porque o marido descobriria que não era o pai por causa da cor da pele.

Neste conto, Pepetela explora ao máximo a tensão estabelecida entre o colonizador português e o colonizado angolano, representados na figura do comerciante Sô Ferreira e da negra Mariana, num ambiente de uma Angola ainda colonial em que o colono, embora decadente, usava e abusava das pessoas que ele julgava inferiores.

Mariana paga com a própria vida, suicida-se diante da perspectiva de ser humilhada quando a criança nascer. Mas o narrador não poupa a figura do colono explorador. Ele descreve Sô Ferreira não só como alguém destituído de princípios morais e humanos, mas também como alguém decadente fisicamente, com seu “riso de gengivas desdentadas, vermelhas

¹ Doutorando em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) na Universidade de São Paulo.

como olhos do coelho”. Essa descrição do comerciante soa como uma metáfora do declínio do colonialismo português em Angola nas décadas de 50 e 60, como algo que, embora ainda mostrasse força através do poder cruel e abusivo, também já dava amostras de decadência.

Entretanto, “a revelação”, termo que nomeia a história, não é a gravidez que Mariana revela ao comerciante e, indiretamente, a Candimba, e sim a descoberta da exploração colonial feita pelo garoto, que o leva a sentir ódio dos brancos, e esta revolta faz com que ele mate um inofensivo coelho, pelo fato do animal ser branquinho como Sô Ferreira.

A segunda história do livro, “O caixão do molhado”, escrita em 2001 especialmente para uma antologia em homenagem à cidade do Porto, nos mostra um período de transição entre a sociedade colonial e a sociedade pós-independência.

O protagonista é Sô Belarmino Moreira, um português nascido na cidade do Porto que veio para Angola com cinco anos de idade. Sô Belarmino, ou Molhado, como era mais conhecido, é um personagem tratado com simpatia pelo narrador e lembra um pouco Alexandre Semedo de *Yaka*, pelo fato de ser alguém oriundo de uma pequena burguesia colonial e que sofre um processo de angolanização, permanecendo em Angola depois da independência.

Molhado ficou marcado por um episódio de infância: aos quatro anos de idade viu um cadáver de um homem boiando no rio Douro, na ocasião de uma de suas grandes cheias. E esse episódio é o motivo que o faz, quando já se encontra sexagenário e viúvo, construir um caixão para não correr o risco de ser sepultado na terra pura.

No entanto, a precaução tomada por ele, para não ser sepultado sem caixão, vai se revelar falta de prudência, conforme nos diz o narrador ao final do conto, pois o objeto construído para a ocasião da sua morte, com o passar do tempo fica guardado e esquecido debaixo da sua cama e, por ironia, vai ser a causa da morte da segunda esposa, Mariana, na noite de núpcias, antes mesmo que o casamento se consumasse.

O conto seguinte é “Mandioca de feitiço”, escrito para uma edição em homenagem a Miguel Torga, promovida pela Câmara Municipal de Sintra em 2001. Os protagonistas são Faustino e Firmo, personagens ressuscitados dos *Contos da montanha* do escritor português homenageado. Nessa história, Firmo e Faustino vão parar na Angola colonial dos anos 40. O primeiro, embora tivesse um bom emprego em Luanda, não resiste aos apelos da aventura e retorna logo para Portugal. Já o segundo, arruma um emprego numa lavoura de café no Uije.

O contraste social que caracteriza a sociedade colonial, com a exploração da terra e da mulher nativa pelo colonizador, é representado no conto através da menção aos dois filhos mulatos que Firmo fizera na Rosa, sua lavadeira, e através da referência à lavoura de café como uma “riqueza para poucos colonos, e maldição escrava para muitos” (p. 56).

Embora Faustino seja um ladrão, o narrador tem um olhar de complacência com ele, descrevendo-o como uma espécie de Robin Hood, entendendo os desvios de verba que ele fazia nas finanças do fazendeiro português, e pintando-o como alguém que tratava humanamente os seus subordinados.

Um elemento importante na estrutura do conto é a presença das crenças religiosas africanas, materializadas no feitiço da plantação de mandioca que Faustino encontra na sua rota de fuga, após ter seus desvios de dinheiro descobertos pelo patrão. Ndozi, o nativo angolano que o ajuda a fugir, avisa-o para que não coma os tubérculos enfeitiçados, caso contrário morreria. No entanto, dominado pela fome e confiante em sua fé católica que concebia as crenças nativas como pagãs, não leva em conta o aviso e assim sucumbe ao poder do feitiço ao final da história, e fica ali enterrado “no mais completo segredo” (p.66). Nesse confronto entre crenças religiosas, prevalece a crença nativa como uma metáfora da sobrevivência e da força das culturas africanas.

“Estranhos pássaros de asas abertas”, a quarta história do livro, nos remete ao período pré-colonial e trava um diálogo direto com *Os lusíadas* de Camões, pois foi escrito a pedido do Semanário Expresso para servir de introdução ao Canto V do épico português. Aqui, neste conto, Pepetela conta o outro lado da história: o modo como os africanos e seus deuses reagiram à chegada e à intromissão dos homens e deuses europeus.

O ambiente retratado é o de uma harmonia que é quebrada com a chegada daqueles homens estranhos, barbudos e cabeludos, que cheiravam mal, falavam uma língua incompreensível e se vestiam com roupas pesadas. Assim o narrador descreve os portugueses pela perspectiva dos nativos, e ao caracterizá-los com aspectos negativos (má aparência e mal cheiro), ele inverte o estereótipo criado pelo texto camoniano, que pintava o nativo como bestial, bruto e malvado.

Paralelamente, ele também inscreve na história a paixão de Adamastor pela ninfa Tétis, um caso amoroso que provoca a intervenção dos deuses europeus Netuno, Vênus, Marte e Vulcano, cujas intromissões nos mares africanos ofendem Kianda, a deusa das águas, e Nzambi, o deus supremo.

As histórias paralelas se cruzam quando Vênus toca em Veloso, o português que teve um contato mais próximo com os nativos, e provoca nele a tentação de possuir uma mulher africana, fato que vai ocasionar a revolta do marido e desencadear uma contenda que deixa como saldo um nativo ferido e um morto, vítimas das armas de fogo portuguesas, até então desconhecidas pelos africanos.

O último conto do livro, “O nosso país é bué”, escrito em 1999 para a Revista da Sonangol², se passa num período pós-independência e reflete uma Angola ainda eufórica com os novos rumos que a libertação do colonialismo podia trazer, mas também, contraditoriamente, começando a se desencantar, como mostra o final da história com a reflexão do miúdo Lito, de que “afinal o país não era assim tão bué como imaginava” (p.94).

A palavra “bue”, da língua quimbundo falada na região de Luanda, significa “muito” e pode ser entendida também como “demais”, e por ser um termo nativo, legitimamente angolano, revela-se adequado para refletir essa euforia nacional no período pós-independência.

O clima de euforia presente no texto é desencadeado pela descoberta feita por Lito de que os vizinhos haviam descoberto petróleo no quintal de casa, o que vai gerar uma onda de perfuração de poços clandestinos nos quintais luandenses, afinal todo mundo queria se tornar um microempresário do petróleo. Esse entusiasmo, logicamente, não vai passar despercebido pela polícia angolana, pois como afirma o narrador, “eram tempos difíceis, qualquer notícia podia trazer uma tragédia, qualquer corrida podia significar perigo, qualquer grito significar agonia” (p.85).

A explicação dada pelas autoridades para tal fato inusitado dizia que o líquido que brotava do solo não era petróleo bruto e sim gasolina vazada das tubulações velhas e sem manutenção da refinaria, de modo que a substância que prometia prosperidade constituía uma ameaça à população por causa do perigo de explosões e incêndios que já haviam matado algumas pessoas, inclusive o Sô Afonso, que “morreu numa explosão ao acender o candeeiro” (p.93).

Dessa forma, os cinco contos que compõem o livro, embora escritos em diferentes épocas e com diferentes intenções, contêm além da presença da morte em todos eles, um elemento unificador: a angolanidade. Todos contemplam um modo particular de Pepetela ver, sentir e escrever Angola, como afirma Mia Couto na epígrafe que abre o livro.

2 Sonangol: Sociedade Nacional de Petróleos de Angola.

Rerefência

PEPETELA. **Contos de Morte**. Lisboa: Nelson de Matos, 2008.